Dia 10 — São Guilherme, Arcebispo de Bourges

Foi São Guilherme da nobilíssima casa dos antigos condes de Nevers e nasceu por volta da metade do século XII. Criaram-no seus pais com o maior cuidado no santo temor de Deus; mas seu belo natural e sua inclinação à virtude facilitaram, mais que tudo, o efeito da boa educação. Havia-o prevenido Deus com todas as disposições da natureza e da graça que eram necessárias para os grandes desígnios a que o destinava sua amorosa providência: um engenho vivo, sólido, eminente, capaz de todas as ciências; um juízo perspicaz, claro e reto; um coração nobre, generoso, dócil; uns modos gratos, aprazíveis, naturalmente polidos e cultos; um sumo horror ao pecado, uma sublime ideia de Deus e uma inclinação natural ao retiro e à vida interior.

Descobriu logo essas prendas no menino Guilherme Pedro, o Eremita, seu tio materno, arcediago de Soissons, homem exemplar e sábio; e, enamorado delas, encarregou-se ele mesmo de ser seu mestre nos estudos. Fez neles maravilhosos progressos o discípulo, comprovando o ensino de tão insigne mestre: em pouco tempo foi mais sábio do que correspondia a seus anos; mas ainda foi mais virtuoso e mais santo. Desde então aprendeu a desprezar todas as grandes esperanças que o mundo, seu nascimento e suas belas prendas podiam prometer-lhe; e, estimando unicamente os bens eternos, dedicou-se ao estado eclesiástico. Mal abraçou esse estado, fizeram-no cônego, primeiro da igreja de Soissons e depois da de Paris. Numa e noutra, sua modéstia, sua gravidade, sua circunspecção, sua sabedoria e sua vida exemplar foram a admiração de todos e o modelo dos eclesiásticos.

Mas, embora o estado que acabava de abraçar fosse tão santo, como Deus o chamava a um grau de perfeição tão eminente, estava sempre inspirando-lhe ardentíssimos desejos de vida mais retirada. Quando se considerava em meio ao mundo, rodeado de tantos perigos, enchia-se de temor. As dignidades eclesiásticas pareciam-lhe títulos cheios de pesadume e de perigo, e os benefícios de maior renda, redes de maiores laços. Todas as suas ânsias, todos os seus suspiros eram pelo deserto de Grandmont, de que se tinha enamorado sumamente. Florescia nele, com todo o rigor da primitiva observância, a nova ordem religiosa que fundara Santo Estêvão no ano de 1076, tornando-se mais estimável o novo instituto pela vida austera que praticavam os monges. Guilherme renunciou generosamente a seus benefícios e prebendas, com todas as grandes esperanças que lhe prometiam seu sangue e seus insignes méritos; e, fechando os ouvidos aos enganosos afagos da carne e do sangue, pediu para ser admitido no mosteiro. Receberam-no como um dom vindo do céu, e desde logo começou a portar-se com tanta regularidade e tão singular edificação que, admirado o abade daquele prodígio de virtude, não pôde conter-se sem louvá-lo em concílio pleno, à presença do papa Inocêncio III e de todos os prelados e padres que haviam concorrido a ele.

Dispunha-se nosso santo a fazer a sua profissão no mosteiro de Grandmont quando o demônio, zeloso dos progressos que havia de fazer o novo instituto com um sujeito tão insigne, excitou no mosteiro tão furiosa e desfeita tempestade que faltou pouco para que perecesse nela toda a ordem. Introduzido infelizmente o espírito de divisão naquela santa casa, logo escureceu seu resplendor e seu brilho. Empregou nosso santo toda a sua aplicação, todo o seu desvelo, todo o seu crédito, toda a sua reputação, todos quantos meios lhe puderam sugerir a sua sabedoria, o seu zelo e a sua indústria para restituir-lhe a paz e a união, que andavam desterradas; mas tudo foi vão. E, vendo por fim que a cada dia se exacerbavam mais os ânimos e os corações e que não podia reinar o espírito de Deus onde não reinava a paz, resolveu passar à ordem de Cister, tão célebre pelo grande número de santos que já então contava e por aquele espírito de regularidade e de retiro que reinava em todo o seu vigor, fazendo da ordem cisterciense uma das mais florescentes de toda a Igreja. Tomou o hábito no mosteiro de Pontigny, onde fez sua profissão com o fervor que havia crescido todos os dias em seu noviciado, e em pouquíssimo tempo foi cabal modelo da perfeição religiosa.

Não contente com ter deixado o mundo, quis deixar até a memória dele. A solidão aperfeiçoou seu recolhimento interior e, achando no retiro todo o alimento que podia desejar para nutrir o singular amor que professava à oração, não perdia de vista a Deus um só instante. Sua modéstia, sua devoção, sua pontual assistência aos divinos ofícios animavam os menos fervorosos. Bastava vê-lo no altar ou no coro para mover-se ao recolhimento e até para experimentar a devoção sensível. No sacrifício da missa sentia sempre tanto fervor que derramava copiosas lágrimas até deixar umedecido o altar, confessando de si mesmo que se achava tão penetrado de ternura, de respeito e de reconhecimento ao Salvador do mundo quando o considerava vítima incruenta imolada nos altares como se o estivesse vendo com os olhos corporais crucificado no Calvário.

Suas penitências correspondiam a sua devoção. Assegurava ele mesmo que lhe serviam de verdadeiro tormento os alívios que era preciso conceder à necessidade da natureza. Tantas e tão eminentes virtudes encheram de inveja e de inquietação o inferno. Pôs em movimento o demônio quantas máquinas e quantos artifícios pôde imaginar para tentá-lo; mas nos exercícios de penitência, de oração e de humildade achou nosso santo todas as armas de que necessitava para rebater todos os seus esforços. Sobretudo, a devoção à santíssima Virgem foi o principal escudo que lhe serviu para defender-se. Dizia que, depois de Jesus Cristo, tinha colocada toda a sua confiança na Mãe de misericórdia; e os auxílios que esta Senhora lhe conseguiu por toda a vida fizeram-no sair sempre vitorioso de todo o inferno.

A solidão era toda a sua delícia; mas atendeu-se menos à sua inclinação que ao grande conceito que se havia formado de sua prudência e de sua piedade. Fizeram-no abade de Fontaine-Jean e depois de Chalis, onde lhe servia de consolo, pela violência que lhe haviam feito obrigando-o a aceitar aquele cargo, o horrível deserto onde estava situado o mosteiro e a esperança de acabar seus dias naquela solidão; mas Deus o havia disposto de outra maneira para sua maior glória. Depois que por espaço de quinze anos foi modelo de abades santos, quis o Senhor que também fosse modelo de santos bispos.

Governava Guilherme seus monges com tanta doçura e tanta prudência que se fez dono dos corações de todos. Vivia com seus súditos como se fosse o menor de todos, com uma humildade

profunda, com uma pureza de coração e de espírito inviolável, com uma franqueza e uma naturalidade indizível, com uma abstinência e uma mortificação de sentidos e paixões geral e sem reserva; e o que mais assombrava a todos era que, em meio a tanta austeridade, a qual em geral se comunica ao humor e ao temperamento, tornando-o cetrino e melancólico, ele conservava uma contínua afabilidade, um desembaraço e uma habitual alegria que, saindo-lhe do coração, se derramava pelo semblante e se deixava ver em todas as suas ações.

Não pensava em outra coisa que em santificar-se a si e santificar seus monges, na quietude e na obscuridade da vida monástica, quando, no ano de 1200, veio a vagar a sé arquiepiscopal de Bourges por morte do arcebispo Henrique de Sully. Resolveu o clero daquela metrópole eleger um prelado que fosse digno de sê-lo por sua virtude e seus méritos pessoais. Florescia então a ordem cisterciense em homens insignes, cuja santidade era a edificação de todo o orbe cristão. Essa mesma multidão de sujeitos entre os quais escolher dificultava a eleição do clero. Recorreu-se a Odão, bispo de Paris, irmão do arcebispo defunto, suplicando-lhe que viesse assisti-lo com sua direção e conselho, para assegurar o acerto em negócio de tanta importância. Logo que chegou o bispo de Paris, propuseram-lhe o abade de Chalis, com muitos outros abades, todos de santidade conhecida. Era Odão homem de grande prudência e de eminente virtude e tomou tempo para consultar o caso com Deus por meio da oração e do jejum. No dia seguinte mandou escrever os nomes de todos os abades propostos em cédulas separadas; e, pondo-as sobre o altar enquanto celebrava o sacrifício da missa, fez a Deus aquela oração dos apóstolos quando se havia de preencher a vaga no sagrado colégio: Vós, Senhor, que conheceis os corações dos homens, dai-nos a entender aquele que escolhestes. Declarou-se a divina Providência por nosso santo, e todos prorromperam em demonstrações de alegria, rendendo solenes graças ao céu.

Quando chegou aos ouvidos de São Guilherme a notícia de sua eleição, afligiu-se tanto que resolveu evadir-se, fugindo ocultamente. Não foi possível consegui-lo; mas tampouco foi possível vencer-lhe a repugnância. Vendo-o inflexível, os deputados da igreja recorreram ao geral de Cister e ao legado da Santa Sé. Mandaram-lho em virtude de santa obediência, e foi preciso obedecer; mas a todos se fez visível quanto lhe custava esse sacrifício. Arrancou-se com incrível dor de seus religiosos de Chalis, e foram recíprocas as lágrimas de uns e de outros. Em Bourges foi recebido como um homem enviado do céu. Consagraram-no e, em sua consagração, comunicou-se-lhe sensivelmente a plenitude do sacerdócio. Revestido dela, entregou totalmente sua aplicação a imitar o soberano Pastor em toda a sua conduta. Ao amor da solidão sucedeu o zelo pela salvação de suas ovelhas. Visitou seu arcebispado com tanta caridade que parecia ir pondo fogo por toda parte. Pregava, ensinava a doutrina, administrava os sacramentos, visitava os pobres nos hospitais, consolava-os, socorria-os; e, fazendo-se tudo para todos, ganhava a todos para Jesus Cristo, sem que houvesse pecador tão obstinado que resistisse à eficácia de seu zelo.

Nem sua dignidade nem seus imensos trabalhos o obrigaram jamais a afrouxar algo em suas excessivas penitências. Nunca deixou o hábito religioso, e muito menos o espírito de monge. Observava os jejuns da regra com o mesmo rigor que se estivesse no claustro. Não provou coisa de carne, embora se servisse em sua mesa sempre que havia convidados. Seu palácio estava aberto para todos; só estava fechado para as mulheres, com as quais nunca falava senão em caso muito preciso, e então na igreja. Qualificava-se de excessivamente rígida essa severidade; mas respondia sempre que um bispo nunca podia ser excessivamente rígido nessa matéria. Tendo sido presos

certos diocesanos seus por terem defendido os direitos da Igreja com mais zelo que prudência, não poupou diligência alguma junto aos juízes para que lhes dessem liberdade; mas, vendo que eram inúteis todos os seus ofícios, pôs-se à porta do cárcere, resolvido a não sair dali até alcançar o fim de suas caridosas instâncias. Essa caridade abrandou o coração dos juízes, e deram liberdade aos encarcerados.

Por muitas e graves ocupações que tivesse, jamais abreviou, e muito menos omitiu, nenhum de seus exercícios espirituais. Todos os dias tinha dedicadas algumas horas que infalivelmente passava num profundo recolhimento e retiro. Tinha sempre a morte diante dos olhos e costumava dizer que esse pensamento era um soberano remédio para todas as enfermidades da alma; sendo seu maior consolo assistir os moribundos. Sua liberalidade com os pobres era uma prova concludente de seu desinteresse; e repetia muitas vezes que não havia coisa mais indigna de um bispo do que entesourar dinheiro. Aos pobres chamava seus credores; e, quando repartia entre eles quase todas as suas rendas, dizia com graça: Vamos pouco a pouco saindo de apuros e de dívidas.

Mas, em meio a uma santidade tão eminente, não se livrou daquelas provas com que costuma Deus purificar a virtude de seus servos. Padeceu algumas perseguições da parte daqueles a quem incomodava sua exata regularidade, porque era censura de sua desregrada vida. Os ministros do rei Filipe Augusto exercitaram por algum tempo sua paciência; mas triunfou de tudo com a doçura e a humildade. Animado de um ardente zelo pela glória de Deus, dispunha-se a ir combater a heresia dos albigenses, quando o céu lhe deu a entender que havia chegado o tempo de receber o glorioso prêmio de tantas outras vitórias.

Achou-se muito indisposto no dia de Reis; mas nem por isso deixou de pregar como costumava. Deu princípio ao seu sermão por estas palavras: Esta é a hora de sair do letargo em que temos estado até aqui; e, ao acabar o sermão, despediu-se de seu povo. Como todos estavam persuadidos de que se achava dotado do dom de profecia, ninguém duvidou de que pronosticava sua morte. A dor do auditório comunicou-se logo a toda a cidade, onde foi geral o pranto e a tristeza. Mal se retirou o santo a sua casa, pediu que lhe administrassem os sacramentos, que recebeu com singularíssima devoção e com particular ternura. Passou até o dia 10 em oração quase contínua e em íntima união com Deus, pronunciando sem cessar os dulcíssimos nomes de Jesus e de Maria, em quem tinha colocada toda a sua confiança. Embora sempre tivesse dormido sobre um pouco de palha, quis ter o consolo de morrer sobre a cinza e o cilício. Por fim, tendo querido esforçar-se a rezar as matinas do dia, ao acabar o primeiro salmo entregou tranquilamente o espírito ao Criador, no dia 10 de janeiro do ano 1209.

Fez sua morte nos corações de todos o efeito que faz ordinariamente a morte dos santos. Cada um chorava seu pastor, seu protetor e seu pai. Todos queriam beijar-lhe os pés, invocando sua intercessão junto a Deus e referindo cada qual alguma maravilha ou milagre de sua vida. Antes de morrer mostrou desejo de que seu corpo fosse enterrado em seu querido deserto de Chalis; mas toda a cidade de Bourges se pôs em armas para conservar esse tesouro. Foi, pois, sepultado na igreja metropolitana da dita cidade, celebrando-se seus funerais com tanta solenidade e com tanto concurso dos povos vizinhos que pôde parecer testemunho de que já desde então o venerava a cidade como um de seus padroeiros. A fama e a multidão de milagres operados em seu sepulcro

moveram o arcebispo Girardo, sucessor de Guilherme, a elevar da terra o santo corpo, oito anos depois de sua morte. Fizeram-se depois as informações para sua canonização por autoridade do papa Honório III, e se celebrou a cerimônia em Roma, com o maior aparato, no dia 2 de julho de 1218, ao nono ano de seu ditoso trânsito, mandando o Papa, por uma bula, que se celebrasse sua festa na Igreja universal. Conservaram-se suas relíquias na catedral de Bourges até o ano de 1562, em que os huguenotes, de quem parece que se valeu o inferno para vingar-se dos santos em seus preciosos despojos, queimaram o corpo de São Guilherme com execrável impiedade, lançando suas cinzas ao vento, depois que tomaram e saquearam a cidade. Seu culto perpetuou-se em Bourges e em outras partes, sendo reverenciado como um dos santos protetores da França.

São Gonçalo de Amarante, Confessor

Em um dos povoados do reino de Portugal chamado Tagilde, e antes Atanagilde, pertencente ao bispado de Braga, nasceu São Gonçalo de Amarante, brilhante ornamento da ordem dominicana nos princípios de seu estabelecimento. Em sua própria infância deu sinais nada equívocos de sua futura santidade, o que determinou seus pais a oferecê-lo ao Senhor em holocausto, não omitindo os meios que pudessem contribuir para o êxito de suas intenções. Mal chegou à idade da razão, buscaram-lhe por mestre um sacerdote venerável, a fim de que o educasse em bons costumes e fomentasse suas piedosas ideias. Aperfeiçoado em semelhantes princípios e desejosos os pais de maiores adiantamentos, apresentaram-no ao arcebispo de Braga, o qual, notando no semblante do jovem uma singular modéstia e admirável prudência em suas palavras, admitiu-o em sua família com sumo agrado; e, vendo seus progressos na virtude e sua inteligência nos estudos eclesiásticos, na idade prefixada pelos cânones ordenou-o sacerdote e pouco tempo depois confiou-lhe a abadia de São Pelágio. A carga de tão grave ministério excitou o zelo de São Gonçalo; e, persuadido de que, para animar os homens, têm mais eficácia as obras que as palavras, desde logo se pôs a animar seus fregueses com o exemplo. Abraçou a frugalidade na comida, satisfeito com o preciso alimento; cobriu seu corpo com a veste mais desprezível, observou inviolável a castidade e a pureza, mostrou-se humilde de coração e não quis sobressair em outra coisa que nas esmolas; assim, olhando-se como mero administrador dos bens da Igreja, investia-os em socorro dos pobres, que o chamavam pai a plenos pulmões.

Com essa série de vida inculpável continuou por alguns anos Gonçalo em seu mosteiro; mas, como a matéria frequente de suas meditações, que eram os mistérios de nossa redenção, o inflamasse em vivos desejos de visitar os santos lugares em que ela se operou, deixando por vigário de sua abadia um sobrinho seu, sacerdote, que havia criado desde a infância, partiu para a Terra Santa em hábito de peregrino. Ocupou em visitar aqueles sagrados monumentos catorze anos, sofrendo muitas incomodidades no caminho, mas compensadas com as divinas consolações de que foi inundada sua alma. De volta de sua peregrinação, achando que seu sobrinho não havia correspondido a suas esperanças, dedicou-se a reparar suas faltas pregando a fé evangélica em toda aquela região; e, conciliando em breve tempo o respeito e a veneração de todas as gentes,

edificou com suas esmolas uma pequena ermida dedicada à santíssima Virgem, em certo lugar inculto perto do rio Tâmega, onde viveu como outro Paulo e Hilarião no deserto, empregado em santas contemplações e no exercício da pregação. Concorrendo, pela fama de sua santidade e de seus milagres, muitos personagens portugueses, perturbou-se a humildade do santo; e, como pedisse ao Senhor que lhe indicasse o método de vida que mais fosse de seu agrado, passando uma noite em oração diante do altar da Virgem, ouviu uma voz que lhe disse: « Levanta-te, servo meu, e segue, entre as ordens religiosas espalhadas pelo mundo, aquela que ouvires que dá princípio e fim aos ofícios divinos com a saudação angélica. » Seguindo essa inspiração, buscava com diligência esse sagrado instituto; e, como, passando um dia por Vimaranes, entrasse no convento dos religiosos dominicanos e notasse que o ofício divino dava princípio e fim com a dita saudação, convencido de que aquela era a ordem anunciada pela santíssima Virgem, pediu o hábito com anseio e foi admitido com aprovação universal de todos os religiosos. Passado o ano de noviciado, no qual deu sobradas provas de seu fervor, de sua inocência e de suas eminentes virtudes, e feita a profissão solene, obteve licença de seus superiores para voltar ao oratório de Amarante a continuar suas funções apostólicas.

A caridade do santo não se limitou a enriquecer com dons espirituais os habitantes daquela comarca. Sentindo na alma que as inundações contínuas do rio Tâmega impedissem os fiéis de concorrer a seus sermões, pensou em fabricar uma ponte, e chegou a executá-lo com esmolas que recolheu dos povos vizinhos, e em sua construção se referem vários milagres. Os imensos trabalhos que padeceu e o rigor de suas penitências o debilitaram a tal ponto que caiu em gravíssima enfermidade; e, conhecendo que se aproximava a hora de sua morte, dispôs-se a recebê-la com as preparações da maior edificação, rogando à santíssima Virgem, sua protetora, que lhe alcançasse a graça de que o não perturbasse o inimigo infernal. Sua súplica foi ouvida e, agravando-se cada vez mais, teve a ventura de que a seu falecimento assistisse a Rainha dos anjos, acompanhada dos coros celestiais, em cuja comitiva entregou seu espírito ao Criador, no dia 10 de janeiro de 1260.

Justificados os muitos milagres que em vida e depois de morto operou o Senhor por intercessão de seu servo, com o heroísmo de suas virtudes, colocou-o no catálogo dos santos o papa Júlio III, mandando que se celebrasse sua festividade no mesmo dia de seu falecimento. Além desta, repetem os portugueses outra na oitava de Pentecostes, com muito concurso daquele país, em Amarante, onde se edificou um suntuosíssimo mosteiro de religiosos dominicanos, que enriqueceu com vultosas doações o rei D. João III. Sua vida foi escrita por ordem de D. Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga.

Martirológio Romano

No Chipre, São Nicanor, um dos sete primeiros diáconos, o qual, sendo admirável pela eminência de sua fé e de sua virtude, mereceu receber a coroa da glória.

Em Roma, São Agatão, papa, que, tendo-se tornado célebre por sua piedade e sua ciência, morreu em paz.

Em Bourges, São Guilherme, arcebispo e confessor, ilustre por seus milagres e por suas virtudes; foi canonizado pelo papa Honório III.

Em Milão, São João, o Bom, bispo e confessor.

Na Tebaida, a morte de São Paulo, primeiro eremita, que, tendo-se retirado ao deserto não tendo mais que dezesseis anos, viveu ali sozinho até a idade de cento e treze anos. Santo Antão viu sua alma, que os anjos levavam ao céu em meio a uma tropa numerosa de apóstolos e de profetas. Sua festa se celebra no dia 15 deste mês.

Em Constantinopla, São Marciano, presbítero.

No mosteiro de Cuxa (Catalunha), São Pedro Orseolo, primeiramente doge de Veneza, em seguida religioso da ordem de São Bento, muito notável por sua piedade e suas virtudes. Celebra-se sua festa no dia 14 deste mês.

Missa (oração)

A missa é da oitava da Epifania, e a oração em honra do santo é a seguinte.

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in beati Guillelmi confessoris tui atque pontificis solemnitate deferimus, et qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis, ab omnibus nos absolve peccatis. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Dai ouvidos, Senhor, às súplicas que vos fazemos na festa de vosso confessor e pontífice São Guilherme; e, pois ele vos serviu dignamente, livrai-nos, por seus merecimentos, de todos os nossos pecados. Por Nosso Senhor Jesus Cristo…

Epístola

A epístola é do capítulo 60 de Isaías, a mesma do dia 6.

Isaías 60,1-6

> **Latim:** [1] Surge, illuminare, Jerusalem, quia venit lumen tuum, et gloria Domini super te orta est. [2] Quia ecce tenebræ operient terram, et caligo populos ; super

> te autem orietur Dominus, et gloria ejus in te videbitur. [3] Et ambulabunt gentes in lumine tuo, et reges in splendore ortus tui. [4] Leva in circuitu oculos tuos, et vide : omnes isti congregati sunt, venerunt tibi ; filii tui de longe venient et filiæ tuæ de latere surgent. [5] Tunc videbis, et afflues ; mirabitur et dilatabitur cor tuum : quando conversa fuerit ad te multitudo maris ; fortitudo gentium venerit tibi. [6] Inundatio camelorum operiet te, dromedarii Madian et Epha ; omnes de Saba venient, aurum et thus deferentes, et laudem Domino annuntiantes.

Português: [1] LEVANTA-TE, esclarece-te, Jerusalém: porque chegou a tua luz, e a glória do Senhor naseeo sobre ti. [2] Por quanto eis-ahi cobrirão as trévas a terra, e a escuridade os povos: mas sobre ti nascera o Senhor, e a sua gloria se verá em ti. [3] E andarão as gentes na tua luz, e os reis no esplendor do teu nascimento. [4] Levanta em roda os teus olhos, e vê: todos estes se tem congregado, elles vierão a ti: teus filhos virão de longe, e tuas filhas se levantarão de todos os lados. [5] Então verás tu, e estarás em asfluencia, e o teu coração se espantará, e se dilatará fora de si mesmo, quando se converter a ti a multidão do mar, vier a ti a fortaleza das nações: [6] huma inundação de récuas de camelos te cobrirá, de dromedarios de Madian e d'Efa: todos virão de Sabá, trazendo-te ouro e incenso, e anunciando louvor ao Senhor.

Nota

« As profecias de Isaías podem dividir-se em oito partes. A primeira pertence ao reino de Joatão, filho de Ozias, rei de Judá. A segunda compreende o reino de Acaz. A terceira é contra Babilônia, os filisteus, os moabitas e contra Damasco, Samaria e o Egito. A quarta é contra Cedar, a Arábia, Jerusalém e toda a Judeia. A quinta é sobre a guerra de Senaquerib. A sexta é um discurso sobre a existência de Deus e sobre a verdade da religião dos hebreus. A sétima trata mais particularmente do Messias. A oitava tem por objeto a vinda do Messias, a vocação dos gentios, a reprovação dos judeus e a fundação da Igreja. »

Reflexões

Levanta-te, Jerusalém, e brilha com novo resplendor, porque já veio a tua luz. É assombroso que, mesmo depois de ter amanhecido no mundo o divino Sol de justiça, reinem ainda as trevas no espírito de tão grande número de fiéis! Que cegueira mais lamentável, que ver, em meio ao cristianismo, dias inteiros destinados a diversões pouco cristãs e que, por um intolerável abuso que parece presumir-se lícito pela prescrição, corra sem freio a licença desde Reis até o santo tempo da Quaresma!

Se entre as calúnias que os gentios forjaram contra os cristãos lhes tivesse ocorrido lançar-lhes em rosto esta inconsequência, a saber, que, enquanto nossa religião condena o paganismo em todos

os seus pontos, imita suas desordens em muitos; que, gabando-se de uma moral austera, cujas leis põem limites tão estreitos às mais honestas diversões, permite, contudo, os regozijos e as festas dos pagãos; que, ora severa, ora indulgente, segundo as diversas ocorrências dos tempos, dá licença em certos dias para desordens e dissoluções que proíbe em outros; com que indignação, com que enfado não se teria gritado desde logo contra essa reconvenção, tratando-a de impostura, de embuste e de calúnia?

Que mentira mais grosseira, dir-se-ia então, que maior impostura do que acusar a religião cristã de desordenada em seus costumes, quando em virtude de seus preceitos está condenando até o desejo, até o pensamento do pecado! Pode ignorar-se quão grande é sua delicadeza em ponto de pureza de consciência e limpeza de coração? Que vício pode jactar-se de ser excetuado ou de ser dissimulado por ela? Há porventura um só instante na vida que seja isento da prática da virtude, em que ela dispense a obrigação de servir a Deus e de conservar-se na inocência?

Dessa maneira responderiam confiada e animosamente os cristãos da primitiva Igreja, porque não lhes doíam prendas, nem se lhes podia lançar em rosto desordem alguma. Jamais apareciam no circo; fugiam do teatro, dos espetáculos e dos jogos públicos; não se viam nem coroados de flores nem vestidos de púrpura; reinava uma modéstia inalterável em todos os estados; não reconheciam nem idade, nem tempo, nem dias destinados a imoderadas alegrias; suas diversões, sempre honestas, sempre puras, eram lições de virtude e de decência; em seus banquetes sobressaía a frugalidade e a moderação; em suas reuniões, juntas e visitas, ia adiante a piedade; enfim, em todo tempo e em toda ocasião eram cristãos. Esses sim confundiriam facilmente a calúnia. Mas pergunto: teríamos nós hoje o mesmo direito e a mesma coragem para rebatê-la à vista de nossa conduta tão pouco cristã, especialmente durante o carnaval e em tempo de carnestolendas? Que retorsões não nos fariam? Como nos argumentariam com esses festins licenciosos, com esses bailes, com essas danças, com essas máscaras, com que os primeiros cristãos lançavam em rosto aos idólatras, como mostras visíveis, tanto da corrupção de seus costumes como da falsidade de sua religião?

Que teríamos a replicar, se os pagãos nos dissessem que em tempo de carnaval fazíamos o mesmo que eles faziam em suas festas Bacanais, os mesmos excessos, os mesmos festins, os mesmos saraus, os mesmos regozijos? As desordens são públicas, a licença não é menos desenfreada. Seria bem recebida a desculpa de que nessas diversões se observa alguma maior moderação, isto é, que os regozijos e as máscaras do carnaval, no máximo, só se podem chamar relíquias do paganismo mitigado? Mas graças ao Senhor que, embora sejam tão universais os abusos e a licença dos maus cristãos, não podem prejudicar a santidade da Religião, que em todo tempo condenou, como a condena também hoje, essa profanidade, essa escandalosa desordem.

Adorado em quase todos os altares o inimigo comum de todo o gênero humano, orgulhoso e feroz com o império universal de todos os corações, fazia-se consagrar os primeiros dias do ano com essa dissolução. Este, e não outro, é o princípio que teve o escandaloso costume dos excessos do carnaval.

Que homem de bom juízo se atreverá a autorizar essas licenciosas alegrias com o pretexto de que depois entra o tempo de jejum e de penitência? Haverá coragem para dizer que se concede toda a

liberdade aos sentidos porque dentro de três dias se há de chorar essa liberdade que se lhes concedeu? Que se entrega o coração ao desafogo e à desordem porque se aproxima o tempo em que se há de fazer penitência dessa desordem e desse desafogo? Chega a Quaresma, em que é preciso chorar os pecados; pois consolemos antecipadamente essas lágrimas futuras com todo gênero de divertimentos. Dentro de poucos dias obrigará a Igreja todos os seus filhos ao jejum; pois pertrechemo-nos contra esse jejum com excessos, banquetes e comilanças que cheguem a ser glutonarias.

Bem depressa se nos convencerá dos púlpitos de que todas essas festas do carnaval são indignas do nome cristão; pois trabalhemos agora em merecer que então nos envergonhem. Amanhã se nos pregará a penitência; pois façamos hoje tudo o que for possível para termos necessidade dela.

Conhece-se, apalpa-se o ridículo e a impiedade deste lastimoso discurso; pois quando se confessará a indignidade dessa miserável conduta? Teria-se vergonha de justificar assim o carnaval; e, contudo, isso é o que quer dizer tudo quanto se alega para autorizar o costume. Pois quê, o cristianismo é coisa de mascarada, ou é como uma veste que se há de mudar segundo a diferença dos tempos? É coisa de farsa, é à maneira de teatro, em que há de haver diversas mutações e se hão de representar distintos e até contrários papéis? Hoje dissolutos e quase malvados de aposta, e amanhã hipócritas por boa aparência? Hoje entregues às dissoluções dos gentios, e amanhã aparecer com uma máscara de cristãos? Adorando-se o mesmo Deus, tendo a mesma lei e sendo um mesmo o inferno no carnaval e na Quaresma, que razão há para que num tempo se faça vaidade de ser ímpios e dissolutos e em outro se faça ridícula ostentação de parecer cristãos?

É possível que uma cegueira tão grosseira não faça força a todo homem de mediana razão? Pode haver quem tenha alguma tintura, não digo já de religião, mas de senso comum, que não se envergonhe de fazer publicamente esse gênero de farsa? Seria crível, se não se visse cada dia, que tão friamente se incorresse nesse gênero de ilusões? Ignora-se, porventura, que, para ser verdadeiramente cristão, é preciso viver sempre como tal? Deus não quer nosso coração se não lhe é dado para sempre. E crerás tu que levará a bem que em tais e tais dias o repartas entre ele e o mundo? Se se confessa que Deus merece ser servido em certos dias do ano, não será um desprezo intolerável julgar que em outros se pode deixar de servi-lo?

É artigo de fé que o mundo é seu irreconciliável inimigo: e há de haver tempo em que um cristão possa entregar-se sem vergonha e desatinadamente a todos os passatempos do mundo? A bailes, a saraus, a jogos excessivos, a entretenimentos pouco cristãos, a máscaras, a desordens? Há de haver tempo em que se creia lícito e permitido não amar mais que o mundo e fazer como que reputação de servi-lo, cortejá-lo e comprazê-lo? Haveria quem tivesse coragem de proferir uma máxima tão contrária à fé e à razão? E, no entanto, esta é a máxima que hoje se segue no mundo. Tanta verdade é que, deixando-se de viver cristãmente, incorre-se em insensatez e loucura.

E o que mal se poderia crer, se não se apalpasse, é que um abuso tão irreligioso se acha não poucas vezes autorizado por pessoas que tratam de devoção, que se prezam de muito cristãs e que com efeito em outros tempos do ano se portam com uma vida bastante regrada. Mas, meu Deus, são essas benignas interpretações de vossa lei muito conformes ao espírito de vosso santo

Evangelho? Ah, Senhor, e que ilusões se encontram nos sistemas de devoção que cada um forja a seu modo! Que nulidades nessas vãs dispensas! Que horror causa olhar na hora da morte o carnaval com olhos cristãos!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 2 de São Mateus, e o mesmo do dia 6.

Mateus 2,1-12

> **Latim:** 1 Cum ergo natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis regis, ecce magi ab oriente venerunt Jerosolymam, 2 dicentes : Ubi est qui natus est rex Judæorum ? vidimus enim stellam ejus in oriente, et venimus adorare eum. 3 Audiens autem Herodes rex, turbatus est, et omnis Jerosolyma cum illo. 4 Et congregans omnes principes sacerdotum, et scribas populi, sciscitabatur ab eis ubi Christus nasceretur. 5 At illi dixerunt : In Bethlehem Judæ : sic enim scriptum est per prophetam : 6 Et tu Bethlehem terra Juda, nequaquam minima es in principibus Juda : ex te enim exiet dux, qui regat populum meum Israël. 7 Tunc Herodes clam vocatis magis diligenter didicit ab eis tempus stellæ, quæ apparuit eis : 8 et mittens illos in Bethlehem, dixit : Ite, et interrogate diligenter de puero : et cum inveneritis, renuntiate mihi, ut et ego veniens adorem eum. 9 Qui cum audissent regem, abierunt, et ecce stella, quam viderant in oriente, antecedebat eos, usque dum veniens staret supra, ubi erat puer. 10 Videntes autem stellam gavisi sunt gaudio magno valde. 11 Et intrantes domum, invenerunt puerum cum Maria matre ejus, et procidentes adoraverunt eum : et apertis thesauris suis obtulerunt ei munera, aurum, thus, et myrrham. 12 Et responso accepto in somnis ne redirent ad Herodem, per aliam viam reversi sunt in regionem suam.

Português: 1 TENDO pois nascido Jesus em Belém de Judá, em tempo do rei Herodes, eis-que vierão do Oriente huns magos a Jerusalem, 2 dizendo: Onde está o Rei dos Judeos, que he nascido? porque nós vimos no Oriente a sua estrella, e viemos a adorarlo. 3 E o rei Herodes ouvindo isto se turbou, e toda Jerusalem com elle. 4 E convocando todos os principes dos sacerdotes, e os escribas do povo, lhes perguntava, onde havia de nascer o Christo. 5 E elles lhe disserão: Em Belém de Judá: porque assim está escrito pelo profeta: 6 E tu Belém, terra de Judá, não és a de menos consideração entre as principaes de Judá: porque de ti sahirá o Conductor, que ha de commandar o meu povo d'Israel. 7 Então Herodes tendo chamado secretamente os magos, inquiriu d'elles com todo o cuidado, que tempo havia que lhes apparecêra a estrela. 8 E enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide, e informai-vos bem que menino he esse: e depois que o houverdes achado, vinde-mo dizer, para eu ir tambem adorarlo. 9 Elles tendo ouvido as palavras do rei, partirão: e logo a estrella, que tinham visto no Oriente, lhes apareceu, indo adiante d'elles, até que chegando, parou

sobre onde estava o menino. [10] E quando elles virão a estrella, foi sobremanceira grande o jubilo, que sentirão. [11] E entrando na casa, achárão o menino com Maria sua mãe, e prostrando-se, o adorárão: e abrindo os seus cofres, lhe fizeram suas offertas d'ouro, incenso, e myrrha. [12] E havida resposta em sonhos, que não tornassem a Herodes, voltárão por outro caminho para a sua terra.

Meditação

Da fidelidade à graça

Primeiro ponto

Considera com que prontidão, com que fidelidade obedeceram os Magos à voz da divina graça, figurada pela estrela. *Vidimus stellam, et venimus.* Mal se nos descobriu a estrela, no mesmo instante nos pusemos a caminho. Quantas razões tinham para deliberar, para informar-se, para assegurar-se da verdade do fato? Mas, quando Deus fala, quer ser prontamente obedecido. Tanta deliberação quando se trata de converter-se é efetivamente não querer fazê-lo. Logo que Marta disse à sua irmã Maria que o Senhor a chamava, no mesmo instante, no mesmo momento se levanta e deixa os que a estão consolando sem lhes falar palavra. Quem não parte no momento em que vê a estrela logo a perde de vista, e no fim não se move.

Quanta multidão de gente veria aquela que anunciou o nascimento do Salvador? Mas, em vez de segui-la, contentaram-se em admirar seu resplendor, em observar seu movimento, em falar dela como filósofos ou astrônomos. Somente os Magos, sem se deterem a filosofar, aplicam-se a obedecer-lhe; e, querendo mostrar-se mais dóceis que sábios, vão diretos aonde ela os conduz e encontram felizmente o que ela mesma lhes anuncia. Quantas vezes brilhou a nossos olhos a estrela da graça! Quantas santas inspirações! Quantos piedosos movimentos! Quantas vozes interiores! E nós discorremos, delicadamente admiramos, deliberamos muito; mas sem concluir nada. Deus nos convidou, nos solicitou, nos instou mil vezes a que o sigamos; e nós sem dar um passo, sem movimento.

Enfim, Senhor, já é tempo de que o faça; já quero deixar minhas imperfeições, desviar-me de meus maus costumes, apartar-me de tudo quanto desagrada a vossos puríssimos olhos. Não vos canseis de convidar-me; fazei que brilhe de novo a vossa graça, que desde este ponto estou resolvido a segui-la.

Segundo ponto

Considera quantas dificuldades se representariam a esses santos reis para dissuadi-los de empreender aquela viagem. O caminho é longo e mau; a estação áspera e crua; não vemos urgência que nos obrigue; tempo teremos para empreender esta jornada com menos incômodo; a estrela não fala só conosco, que com todos fala, e não vemos que outros se movam nem se

inquietem. Não são discursos muito semelhantes, quimeras muito parecidas, as que ainda hoje nos estorvam o seguir as impressões da divina graça? E então? Quando se trata de obedecer à voz de Deus, de cumprir as obrigações de cristão, de ser feliz ou infeliz eternamente, de assegurar a minha eterna salvação, hão de servir-me de embaraço o tempo, o lugar, a idade, a condição, os respeitos humanos? Nada disso nos detém quando se trata de um interesse, de um ganho, de um emprego, de conservar a vida; e só quando se trata de minha sorte eterna, da amizade de um Deus, de minha eterna felicidade, então tudo me causa dificuldade, tudo me causa estorvo. Quantos prudentes à maneira do mundo se burlariam então da credulidade dos santos reis, tratando-os talvez de simples! Mas hoje haverá quem os qualifique de muito fáceis ou de excessivamente dóceis?

Encobriu-se-lhes a estrela por algum tempo; mas nem por isso ficaram sem auxílios e socorros. Sempre há livros espirituais e devotos, nunca falta a luz dos diretores prudentes e zelosos. Em meio ao tumulto, ao burburinho do mundo, são pouco frequentes, são muito raras as graças extraordinárias e sensíveis; debilitam-se muito quando nos detemos dentro dele; mas, saindo do burburinho e do tumulto, volta a descobrir-se a estrela, e com ela o consolo e a alegria. Ditosa a alma que é constantemente fiel à graça! Que consolo ter sido mais fiel que outros em seguir a estrela quando se alcança a ventura de haver encontrado Jesus Cristo! Esta é a sorte de todos os que o buscam com valor, com constância e com fidelidade.

Não olheis, Senhor, minhas passadas ingratidões; brilhe de novo a luz de vossa graça, que estou determinado a não ser mais infiel a ela. Mandai-me, Senhor, quanto for de vosso agrado, que estou pronto, com o socorro de vossa graça, a cumprir exatamente tudo quanto me mandardes.

Jaculatórias

> *Loquere, Domine, quia audit servus tuus.* 1 Rs 3.

Falai, Senhor, que vosso servo ouve.

> *Hodie si vocem ejus audieritis, nolite obdurare corda vestra.* Sl 94.

Se ouvires a voz do Senhor, guarda-te bem de obstinar-te em não segui-la no mesmo momento.

Propósitos

1. Há muito tempo que Deus te está solicitando, te está instando para que lhe faças certo sacrifício, para que deixes aquela ocasião, para que reformes teus costumes e para que te ordenes com certo gênero de vida; e todo esse tempo tu lhe estás resistindo. Hoje se te descobre a estrela, que talvez se te encobriu todo o tempo que viveste tão cego e tão empenhado naquela má amizade. Não adies um momento fazer o que Deus te manda; põe por escrito a tua resolução; não passe este dia sem fazeres este sacrifício; dá-lhe princípio imolando a vítima que mais tens no coração.

2. Socorre com esmola o primeiro pobre que hoje encontrares e reserva algum tempo para retirar-te a alguma igreja e para renovar, aos pés de Jesus Cristo, o propósito que fizeste de ser-lhe fiel daqui em diante. Concebe grande dor de tua covardia no serviço de Deus, de haver perdido tantas graças, malogrado tantos auxílios; e acusa-te disso particularmente na primeira confissão.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:43:40 by Admin
Updated 20 November 2026 20:43:40 by Admin